



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR *VERSUS* PROJETO SOCIAL ESPORTIVO: QUANDO OS DONOS DA CASA PERDEM O JOGO

Silvio Sipliano da Silva¹

Marcos Garcia Neira²

RESUMO

Na contemporaneidade, tem sido cada vez mais frequente e potente o discurso salvacionista das Organizações não Governamentais (ONGs) no âmbito da esfera pública. Fenômeno que gera a diminuição da participação estatal nas políticas públicas sociais, deixando o caminho livre para o Terceiro Setor. Nos últimos anos, a escola passou a sediar essas ações por intermédio de diversos projetos que transformam os alunos em público-alvo preferencial das suas ações. Neste estudo de caso nos moldes propostos por Stake (1998), buscou-se compreender como as atividades de um projeto social esportivo são desenvolvidas no interior de uma escola pública municipal de São Paulo e quais efeitos produzem para as aulas de Educação Física do currículo formal.

Palavras-chave: Projetos Sociais; Escola; Educação Física

INTRODUÇÃO

Mais comuns do que se possa imaginar, o número de programas do Terceiro Setor que se instalam nas escolas para promover o esporte com objetivos educacionais cresceu significativamente nos últimos anos. De forma direta ou indireta, uma vez dentro da escola, o chamado Projeto Social Esportivo (PSE) passa a fazer parte do currículo, influenciando na constituição dos sujeitos da educação. Vivendo diariamente esse contexto, as percepções a respeito desse fenômeno nos incomodam. Percebemos que apesar de se tratarem de atividades distintas das aulas de Educação Física, ambas permanecem interligadas ao menos nas representações dos alunos, uma vez que os participantes são os mesmos e o foco do trabalho pedagógico são as práticas corporais. Diante disso, a cultura de desenvolvimento das atividades realizadas com cunho recreativo leva os alunos a conceberem da mesma forma as aulas do componente. Estas, por estarem comprometidas com aspectos formativos e articuladas ao Projeto Pedagógico da escola, desenham-se como experiências absolutamente

¹ Professor da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

² Professor da Faculdade de Educação da USP

diferentes. Com isso, o ambiente pedagógico transforma-se em um espaço de indagação e resistência. Visivelmente, os alunos parecem não compreender que se trata de situações com objetivos e propósitos diversos. Nesse contexto, institui-se um clima de influência das “atividades extras” no currículo do componente Educação Física. Com o tempo, os alunos adotam determinadas posturas nas aulas regulares, tendo como referência as atividades do PSE.

Eventuais relações entre a Educação Física escolar e os projetos sociais devem ser analisadas, uma vez que a desigualdade presente nas comunidades que recebem os programas tem servido de solo fértil para a disseminação de discursos moralizantes e salvacionistas. Destacam-se temas como a ocupação do tempo livre como solução para os possíveis problemas relacionados à violência, criminalidade e demais aspectos “perturbadores” da ordem social urbana. Diga-se de passagem, a emergência desses discursos não sofre qualquer questionamento, pois transcorre suavemente, sem percalços.

A partir do exposto, configurou-se como objetivos da investigação apresentada averiguar as influências sobre a Educação Física desencadeadas pela presença de um projeto social que aborda as manifestações culturais corporais, a fim de ampliar a compreensão a respeito do fenômeno.

METODOLOGIA

O trabalho de campo recorreu ao estudo de caso como método de pesquisa. No decorrer do segundo semestre de 2009, acompanhamos o cotidiano das atividades de um PSE no interior de uma escola pública municipal de São Paulo. Como instrumentos para coleta de dados, foram empregadas observações participantes, entrevistas semiestruturadas com a professora responsável pela ação e entrevistas com professores de Educação Física da escola e com alunos participantes e não participantes das atividades do Projeto. A documentação pedagógica também foi recolhida: Projeto Pedagógico da escola e informações constantes no portal oficial da ONG promotora. Todo o material empírico angariado foi interpretado a partir do confronto com o campo teórico dos Estudos Culturais.

Nelson, Treichler e Grossberg (2008) definem os EC como um termo de conveniência para uma gama bastante dispersa de posições teóricas e políticas. Sendo profundamente antidisciplinares, pode-se dizer que partilham o compromisso de examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de relações de poder.

Na perspectiva do estudo de caso, analisar significa essencialmente fazer emergir os achados, tornando-os aparentes, e isso acontece a partir das nossas impressões e observações.

Stake (1998) afirma que mesmo que exista uma familiaridade com o objeto investigado, de quando em quando, encontramos com alguma situação realmente nova, algo que mesmo guardando uma relação com experiências anteriores, nunca tínhamos visto antes, “con todo, em la búsqueda de significado hay mucho de arte y de procesos intuitivos” (p. 68). Diante das bases defendidas pelo autor, nossa experiência no campo confirmou algumas suspeitas, mas também revelou aspectos não imaginados.

DISCUSSÃO

A leitura do Projeto Pedagógico da escola revelou que no item destinado aos projetos complementares constam a Informática Educativa, Sala de Leitura, Sala de Apoio Pedagógico, dos professores divididos por área e Projetos Especiais de Ação. A análise do tópico “projetos e parcerias” constatou ações como a Oficina de Xadrez, Projeto Cozinha Econômica, Orientação Sexual, edição do jornal da escola e Projeto Eletropaulo. Mesmo presente na escola há três anos, o documento escolar não contém nenhuma informação sobre o PSE foco da investigação.

Membros da equipe gestora, quando consultados, afirmaram desconhecer a data de início e como o PSE foi implantado na escola. A falta de registros a respeito indica que o Projeto investigado se constitui em uma atividade à parte na escola, mesmo ocorrendo nas mesmas dependências que as aulas de Educação Física e, em alguns casos, compartilhando alunos e horários.

Os professores de Educação Física mostram-se incomodados, fazendo questão de frisar que solicitaram uma reunião com as coordenações da escola e do PSE, objetivando entender melhor o funcionamento da atividade.

A coordenação do projeto fez uma fala muito superficial que não conseguiu esclarecer nada. (PROFESSOR 1)

A coordenadora do projeto veio até a escola após contato com a coordenação pedagógica para participar de uma reunião de esclarecimentos, porém continuamos sem saber de muita coisa. (PROFESSOR 2)

Ninguém sabe de nada o que vai acontecer (PROFESSOR 3)

Nas aulas, os alunos comentam que vão jogar, mas nunca é nada específico. Apenas eles dizem que vão jogar em algum lugar de vez em quando. (PROFESSOR 4)

Até o horário do projeto é complicado, existe muito atraso. Os alunos ficam perguntando pra nós e nem sabemos como funciona as coisas no projeto. (PROFESSOR 5)

Observa-se que a formação dos sujeitos da educação deixa de ser coletivamente pensada e passa a atender demandas, em alguns casos, conflitantes com as intenções

educativas da instituição. Tal quadro, diria Silva (2007), configura o ambiente pedagógico como seara política, um campo de lutas pela validação de determinadas identidades sociais.

A situação configura uma primeira contradição. No plano discursivo³ o PSE busca inserir-se nas escolas pela via da inclusão e do despertar para uma cidadania crítica e ativa. Todavia, essa inserção mina o processo democrático na escola, por meio de combinados e acordos à margem das instâncias legais e pedagógicas.

O desconhecimento por parte dos alunos entrevistados que não participam do PSE denota uma grande dificuldade no acesso a informações sobre algo que acontece entre os muros da escola. Eles não sabem como fazer para participar e suas falas revelam informações desencontradas:

Nunca ouvi falar (ALUNO 1)

Eu tenho bastante interesse, mas não posso porque não tenho RG.(ALUNO 2)

Eu tentei, mas não deu, tinha que ter entrado no começo do ano. (ALUNO 3)

A única coisa que sei é que existe o Projeto e que nunca tem vaga. (ALUNO 4)

A professora falou que fica cheio, por isso só pode entrar no começo do ano. (ALUNO 5)

É interessante observar que os alunos atribuem a “falta” de vagas à “lotação” das turmas. Todavia, as observações no decorrer de quatro meses indicam justamente o contrário: o grupo que nunca extrapolou 20 alunos. Quando questionada, a professora alegou que fica complicada a inserção dos alunos no decorrer do ano por conta do método de trabalho adotado. Além disso, a instituição responsável pouco faz para democratizar a participação e ampliar o atendimento, mesmo que o número reduzido de alunos participantes colida frontalmente com os objetivos proclamados. Afinal, consta dentre as prerrogativas, oportunizar a prática esportiva como forma de inclusão, sociabilidade e formação cidadã.

Esse ano foi tumultuado, porque após as férias teve a gripe suína e outras complicações. Ficamos com os mesmos alunos do primeiro semestre. (PROFESSORA DO PSE)

Parece que o mais importante é difundir sua logomarca, inclusive junto àqueles que não tomam parte. Afinal, pelo que se pode observar, o PSE dentro da escola “faz o que bem entende”, situação decorrente da ausência desejada da gestão institucional.

Em linhas gerais, as noções dos alunos que não participam possuem acerca da atividade é bastante simplista. Reputam uma série de qualidades ao PSE. Participar é visto

³ Informação extraída do site oficial da ONG promotora.

como algo muito importante, que confere status. Os entrevistados enfatizam os benefícios que teriam: o acesso à diversão, participação em campeonatos, melhorar o jeito de jogar e melhorar as condições de saúde atreladas à atividade física.

Se interpretarmos esse fenômeno a partir de Giroux (2003), para quem, cada vez mais, no novo contexto mundial, os segmentos que produzem cultura ocupam lugar de destaque na medida em que moldam a maneira como as pessoas vivem e dão significado às suas vidas, será possível entender porque, mesmo não participando das atividades, a alusão ao PSE por si só já comunica sentidos, estabelecendo representações exclusivamente positivas. O entrevistados creditam aos participantes características referentes ao mérito e eficiência, muito embora não tenham sido observados elementos que justificassem essa premissa, visto que o desenvolvimento das intervenções ocorre de forma aleatória com maior ênfase no aspecto recreativo e na iniciação esportiva.

É fácil perceber que os significados atribuídos sobrepõem-se aos fatos. É a cultura, que para Hall (1997), transformou-se no principal meio produtor e difusor das práticas sociais. É por meio da cultura que as práticas sociais são marcadas, estabelecidas e recebem significados.

Em sua maioria, as atividades desenvolvidas são destituídas de ancoragem social (GRANT; WECZOREK, 2000): jogos adaptados das modalidades esportivas hegemônicas, objetivando o prazer, sem nenhuma preocupação em problematizar sua ocorrência social ou os elementos que a perpassam. Na roda de conversa que inicia o trabalho diário são apresentados os jogos do dia e o restante do tempo é utilizado para a prática livre, o que levava os alunos participantes a afirmarem que:

O projeto é tudo de bom e deveria ter mais dias na semana (ALUNO 6).

Já as opiniões acerca das aulas de Educação Física são bem diferentes:

Só faço porque sou obrigado; deveríamos fazer só quando temos vontade (ALUNO 6)

Nós teríamos que poder escolher o professor e também o que vamos fazer (ALUNO 7).

As falas revelam que a atmosfera de diversão torna as atividades do PSE mais suaves que as aulas de Educação Física. Entendemos que tal posicionamento é influenciado pela

método empregado, baseada exclusivamente no jogo, aspecto que caminha na contramão das Orientações Curriculares oficiais (SÃO PAULO, 2007).

Trabalhamos muito o jogo, esse é o nosso diferencial. Os alunos vão aprendendo através do jogo. (PROFESSORA DO PSE)

É assim que a escola ensina eficazmente os mecanismos de sobrevivência no sistema (SILVA, 2007). No caso em tela, nota-se que os estudantes internalizaram de tal maneira a lógica do PSE que passaram a refutar o formato das aulas do componente. Fato que estabeleceu, segundo relatos dos professores, certa tensão, dada a comparação entre as propostas.

Dentre as razões que levam os alunos a participar do PSE, destacam-se a falta de opções de lazer no bairro, divertir-se com os amigos, divertir-se em um local seguro, praticar esportes e conhecer pessoas.

Fazemos outros esportes. (ALUNO 7)

É uma variedade esportiva, onde se aprende um pouco de tudo. (ALUNO 8)

Gosto do projeto porque aprendo esportes que não conheço como futebol numerado, badminton, futstreet, tênis, futpar ou futebol de mão dada. (ALUNO 9)

Os posicionamentos fornecem pistas para compreender porque os projetos sociais centram suas ações nas regiões periféricas desassistidas. Se analisarmos os sentidos veiculados por um programa que se autointitula “voltado para a população vulnerável”, enquanto os participantes são posicionados como carentes e necessitados, a instituição promotora posa de benfeitora, recolhendo os dividendos do marketing social.

Como prática dominante, o uso da linguagem está implicado não apenas através do ato de nomear o mundo de forma a sustentar relações de opressão e exploração, mas também por meio de sua falta de vontade de interrogar a natureza construída de suas próprias categorias e as visões seletivas em sua própria geografia social. (McLAREN, 2000, p. 35)

Enquanto o discurso proferido objetiva “[...] colaborar para a formação de indivíduos críticos, reflexivos e autônomos em suas relações sociais”⁴, no cotidiano o que se vê é uma postura assistencialista, atraindo os participantes com lanches, eventos, uniformes, serviço de qualidade questionável prestado por profissionais mal remunerados, fazendo as vezes do Estado. Esse cenário instala mais uma contradição entre os objetivos pretendidos e os efeitos do PSE, qual seja, o estabelecimento de uma relação de dependência dos benefícios no lugar da alentada autonomia.

⁴ Informação extraída do site oficial da ONG promotora.

Quando os alunos afirmaram que as aulas de Educação Física constituem-se em “obrigação e vale nota” (ALUNO 7) e que “não têm liberdade de escolha e é mais rigorosa” (ALUNO 8) e que as atividades do projeto são “mais livres e divertidas” (ALUNO 9), deixam transparecer que melhor seria se as aulas do componente reproduzissem o formato do PSE.

Os depoimentos coletados indicam a falta de compreensão das funções sociais que cada proposta desempenha. A confusão, em certa medida, favorece as atividades do PSE, pois o ambiente de informalidade que contribui para elaboração dessa representação por parte dos alunos decorre da falta de acompanhamento da escola na gestão das atividades. Por outro lado, os dados sinalizam que a falta de diálogo dos professores de Educação Física na condução das aulas foi objeto de críticas dos alunos.

Na verdade, o que está em disputa é a validação de certos modos de organizar a educação escolar. Neira (2009) identifica duas propostas frontalmente opostas: enquanto os projetos de formação esportiva rezam pela cartilha neoliberal, é de se esperar que as aulas de Educação Física na escola pública objetivem a análise, interpretação, ressignificação e produção das manifestações culturais corporais que coabitam a sociedade. Seguindo esse raciocínio, não se pode estranhar a característica das atividades desenvolvidas no âmbito do PSE. O que se vê nada mais é do que a concretização de uma pedagogia insípida, bem ao gosto da manutenção do atual quadro de desigualdade social. Os alunos se divertem, fazem falsas opções, desfrutam das atividades proporcionadas, mas nenhuma das atividades realizadas estimula uma reflexão mais profunda acerca do que fazem, das práticas corporais, nem tampouco dos sujeitos que delas participam. Nada do que ali vivenciam transcende o espaço das quatro linhas da quadra. O tempo é preenchido com as migalhas que vêm de cima, para que não possam pensar naquilo que estão se tornando. Segundo Silva (2007), as escolas dirigidas às classes subordinadas tendem a privilegiar relações sociais que exaltam a prática de papéis também subordinados, levando os estudantes ao aprendizado da subordinação.

Por sua vez, a professora entende sua ação como mais relevante que o trabalho executado pelos professores de Educação Física, mesmo que jamais tenham se reunido. Para ela, o diferencial do trabalho que desenvolve traz vantagens na disputa de território com as aulas do componente.

Tem professor que dá bronca nos alunos pelo fato de eles virem para o Projeto e não comparecerem às aulas de Educação Física. A metodologia do Projeto é propor uma ajuda para os professores e para a escola, como também para o próprio projeto que acaba sendo uma troca. Na Educação Física tem aquela parte do exercício e, no Projeto, nós focamos a realização das atividades. (PROFESSORA DO PROJETO)

Na opinião dos professores de Educação Física da escola, o caráter das atividades do PSE coloca os alunos em posições de sujeito bastante distintas daquela defendida pela escola.

Se a participação é tão aberta assim, vem quem quiser, divulga por cartazes, os alunos ficam numa fila de espera, de que forma então eles conseguem melhorar a parte pedagógica, desenvolver valores? Como isso é possível? De repente, o aluno vem um dia, falta na outra semana e assim vai desenrolando. Qual é a contribuição dessa ação para a escola? Eu não consigo enxergar nada. Agora se eu estiver enganada, vamos mudar o sistema da escola, vamos deixar tudo à vontade que talvez seja melhor. (PROFESSOR 03)

Utiliza o voleibol e o nome de uma atleta famosa, mas não é possível constatar nas aulas nem o desenvolvimento técnico que se esperava nem a inclusão dos alunos se considerarmos o baixo atendimento que é realizado. (PROFESSOR 02)

Realmente temos que perguntar: qual é o objetivo da ONG? O que eles pretendem na escola? Por isso, se não existe uma integração e uma apresentação do que vai significar o Projeto na escola, fica todo mundo perdido. (PROFESSOR 05)

Os docentes denunciam as incoerências do PSE. Afinal, as atividades propostas, tanto no conteúdo quanto na forma, colidem frontalmente com a cultura institucional de forma geral e com as aulas de Educação Física em específico.

Por se tratar de uma ação externa promovida por uma ONG e patrocinada por uma empresa bastante conhecida, o PSE carrega os atributos de mérito e eficiência. As atividades propostas seguem a mesma lógica. Para motivar os participantes, são realizadas competições internas, internúcleos e regionais. Eventos concebidos para divulgar o Projeto dentro das escolas, gerando nos alunos e na comunidade representações que, via de regra, estão relacionadas ao êxito e aos efeitos do “bem” colados ao patrocinador.

Esse tipo de ação interfere nas representações que os alunos possuem em relação ao trabalho pedagógico com as manifestações corporais, o que acaba por conferir-lhe uma identidade esportivizada. Por meio da inserção de projetos esportivos nas escolas, fica evidenciado que:

Com o que vem sendo propalado pelo programa, há a possibilidade de a EF ser confundida com o esporte ou, em última instância, a EF ser o próprio esporte, limitando as suas possibilidades quando restringida ao ensino das destrezas esportivas ou em função da primazia desse conteúdo nas aulas, privando os alunos de outras práticas corporais (BRACHT; ALMEIDA, 2003, p. 97).

Uma das marcas do processo é a falta de articulação com os saberes culturais da comunidade. Fenômeno semelhante ocorre nas aulas de Educação Física. Os alunos relatam que são sempre iguais e que os professores não se preocupam em ouvi-los, além de impor os conhecimentos a serem ensinados, restritos às questões da saúde e à prática esportiva.

Interessante notar que muito embora a temática seja a mesma, o PSE desfruta de certo status quando comparado ao componente curricular. As atividades do PSE e as aulas de Educação Física funcionam como ações distintas, fato que fragmenta o trabalho docente e cria uma situação de concorrência. A escola parece não enxergar o Projeto que, por sua vez, tampouco se sente pertencente à escola.

A visão de Educação Física escolar da professora responsável pelo Projeto mostrou-se bastante influenciada pela concepção disseminada pela ONG, quer seja pelo método utilizado ou pelo referencial teórico que lhe oferece suporte. Ademais, é perceptível sua falta de engajamento político acerca das questões afetas à educação em âmbito geral e à Educação Física em âmbito particular. Comparando situações muito diferentes, a professora afirma que a solução dos problemas da Educação Física dar-se-ia com a simples transposição do método utilizado pelo PSE para as aulas do componente. Posicionamento que desconsidera a complexidade e diferenças contextuais entre as duas atividades.

Eu acho que existe a possibilidade de atuar dessa forma na Educação Física escolar. Eu acredito nessa metodologia, tanto que estou atuando dessa forma. É claro que não é um mar de rosas e também não dá certo sempre. Às vezes, você tem que impor, mas temos que perceber o tempo dos alunos. Com essa turma, por exemplo, a imposição não funciona. Por exemplo, a professora de Educação Física veio me perguntar se eu tinha problema com um determinado aluno e eu respondi que não. Aí eu percebi o porquê da pergunta, foi a forma que ela tratou ele numa vez que eu presenciei. Então, em algumas turmas, não acontece. Tem turma que eu tenho que impor, mas geralmente a conversa funciona bem. Os professores têm até um pouco de ciúmes de mim por causa disso. (PROFESSORA DO PROJETO)

Destaque-se que muitas vezes os professores que atuam no PSE, inclusive os coordenadores, são recém-formados, jamais trabalharam na escola, e vez ou outra são estagiários. Seus vencimentos encontram-se bastante aquém daqueles percebidos pelos docentes do magistério municipal. Dispondo de uma jornada semanal pequena em uma mesma instituição, são obrigados a percorrer várias escolas. Conseqüentemente, o que se vê é a grande rotatividade de profissionais. A participante do estudo, por exemplo, solicitou rescisão do contrato após oito meses de trabalho.

Inversamente ao que se poderia supor, os professores de Educação Física defenderam a existência de um projeto esportivo, mas em outro formato. Enfatizam que atualmente a rede municipal se fundamenta em outro referencial teórico, pautado na elaboração de um currículo baseado na realidade da escola. Diante disso, ganha força a resistência a entidades externas.

Primeiro, você já conhece os alunos, a realidade da escola e seu currículo, assim teremos mais facilidades até pra administrar os conflitos que vão ocorrer durante o processo. (PROJETO 1)

Facilitaria muito para se adequar os horários, o contato com os professores, isso traria uma dinâmica melhor. (PROFESSOR 3)

Eu acho que aconteceria uma integração melhor do grupo em todos os sentidos quando o projeto é da escola. Se a pessoa já está inserida na escola, conhece o sistema educacional, participa do dia a dia da escola, das reuniões, conhece a comunidade. Tudo isso me parece que fica mais fácil de ser articulado e acolhido pela escola e pelos alunos. (PROFESSOR 5)

Eles estão utilizando um espaço por conta de que no período em que iniciou o Projeto, os professores da escola não tinham a possibilidade de realizar esse trabalho e hoje já existe essa condição. Neste ano, o professor da escola, independente da metodologia a ser utilizada, poderá encampar essa atividade. Eu continuo com a mesma opinião sobre esse espaço para o Projeto: se ele existe, deve ser ocupado prioritariamente pelo professor da rede, pois ele é um funcionário do município e se o município está oferecendo esse espaço de trabalho, não é necessário ter uma ONG pra ocupar. Então o professor da rede deve utilizar esse espaço pra atender os alunos da escola, mesmo assim a proposta deve passar pelo Conselho. (PROFESSOR 2)

Os posicionamentos indicam o reconhecimento das instâncias democráticas da escola apenas como trâmite legal, sem que se questione a validade ou não do ensino esportivo para a formação dos cidadãos em uma sociedade marcada pela diversidade. Chegam a apoiar a proposta caso assumam a responsabilidade. O que se observa é que o incômodo é mais burocrático que pedagógico.

De nossa parte, cabe dizer que, mesmo que o PSE tenha ingressado na escola como uma iniciativa externa, assim que adentrou, passou a constituir-se como uma experiência disponível aos sujeitos da educação, o que responsabiliza os profissionais pelos resultados e efeitos da atividade. Quem sabe se esse princípio norteasse tudo o que acontece entre os muros da instituição educativa, o engajamento da comunidade seria diferente e os resultados deste estudo talvez fossem outros.

CONSIDERAÇÕES

Os depoimentos fornecidos pelos diferentes participantes da pesquisa evidenciam a ausência de registros sobre essa ação na escola e um grande afastamento entre os educadores responsáveis pelas ações que abrangem as práticas corporais. O PSE investigado se constitui em uma atividade à parte, apesar de abarcar temáticas aproximadas, ocorrer nas mesmas dependências das aulas de Educação Física e, em algumas situações, nos mesmos horários.

A prática investigada possui vida própria, é pouco afeita ao que acontece na escola que, por sua vez, adota comportamento semelhante. Situação que não se coaduna com a

legislação em vigor e com o acúmulo de conhecimentos sobre o assunto. Ambos ressaltam a importância de um Projeto Pedagógico que articule tudo o que acontece na instituição, dado seu impacto na formação dos estudantes.

Dentre as contradições identificadas, ressalta-se que no plano discursivo o PSE busca a promoção da inclusão e do despertar para uma cidadania crítica e ativa, contudo, observou-se que essa inserção vai pouco a pouco minando o processo democrático na escola, por meio de combinações e acordos que não respeitam as instâncias legais, implementando atividades que contribuem para uma formação acrítica e apolítica.

A análise do material coletado permitiu constatar que a ideologia que move o PSE é gradativamente introjetada pelos diversos atores. Salta à vista a percepção de que os participantes da atividade, independentemente da sua condição de professora ou aluno, posicionam-se vantajosamente com relação à Educação Física. Consideram que o método e os conteúdos veiculados são melhores e mais relevantes que aqueles privilegiados nas aulas do componente.

Com base na ideia do aprender jogando, o eixo principal das atividades do PSE investigado é a diversão. Situação que não se articula com os objetivos do Projeto Pedagógico da unidade escolar e se distancia das Orientações Curriculares da Educação Física na Rede Municipal de Ensino. A seleção e condução do jogo, quase sempre sem ancoragem social, cabe exclusivamente à professora, treinada para aplicação do método. Diante disso, os estudantes vão acumulando aprendizagens reduzidas às opções disponibilizadas, algo que não condiz com a função social da escola democrática.

As contradições identificadas entre o currículo oficial e o PSE analisado sequer foram notadas pelos professores. Tal daltonismo não é de se estranhar, afinal os docentes mostraram-se mais preocupados com as questões burocráticas que envolvem a iniciativa e menos com eventuais conflitos pedagógicos.

Outra inconsistência das ações do Projeto em relação ao ambiente escolar é a informalidade das atividades, que termina por contribuir para a construção de uma identidade do trabalho com as práticas corporais contraposta às aulas de Educação Física, sendo que o PSE, na visão dos alunos, é mais relevante que o componente. Uma vez que as aulas convencionais são marcadas por exigências e obrigações, está instalado um clima de “disputa”, de onde a Educação Física tem saído derrotada. Não é de se estranhar, pois o PSE emprega recursos sedutores e não disponíveis às atividades convencionais: uniformes, lanches, grupos reduzidos, jogos constantes, passeios etc.

Essa é apenas uma das razões que levam os professores a rejeitar a intrusão de uma agência externa, muito embora apoiem o desenvolvimento de projetos esportivos, o que indica certa alienação pedagógica e política.

Os dados coletados, em momento algum, apontaram para uma preocupação coletiva dos professores, funcionários e da equipe de gestores para uma ação voltada para o desvelo dos determinantes e condicionantes sociohistóricos que geram as relações assimétricas de poder, as injustiças sociais e a legitimação das agências externas dentro da escola. O que se evidencia com a posição favorável dos docentes às ações de iniciação esportiva é o corporativismo que faz com que se considere a atividade é salutar desde que desenvolvida por um dos profissionais da escola. Pelo que se observou, a disputa se dá pela simples troca dos responsáveis pela formação esportiva. As queixas desapareceriam caso a atividade estivesse a cargo dos professores de Educação Física da escola.

Tudo isso, ao nosso ver, está diretamente relacionado ao enfraquecimento do Estado em prover o bem-estar social da população e à crescente divulgação da ineficiência do setor público, diretamente relacionada à sua subordinação aos interesses privados do capital. A ideia de um Estado fraco propaga-se rapidamente, ampliando os níveis de injustiça social a qual grande parcela da população vem sendo submetida. Esse cenário fornece todas as condições para mobilizações individuais ou organizacionais alimentadas por recursos drenados dos cofres públicos mediante, por exemplo, políticas de isenção de impostos.

A pesquisa demonstrou que os efeitos são impactantes, visto que os alunos, ao serem submetidos e colecionarem experiências prazerosas envolvendo as práticas corporais no PSE, tomam-nas como referência para julgamento das aulas de Educação Física, mesmo que as condições de trabalho e funções sejam díspares. Nesse sentido, o Projeto investigado presta um desserviço à educação.

PHYSICAL EDUCATION SCHOOL X PROJECT VERSUS SOCIAL SPORTS: WHEN THE HOUSE OWNERS LOSE THE GAME

ABSTRACT

In contemporary times, there has been increasingly frequent and powerful speech salvationist of nongovernmental organizations (NGOs) in the public sphere. Phenomenon that generates the reduced state participation in social policies, leaving the way clear for the Third Sector. In recent years, the school began hosting these actions through various projects that transform students into target audience of its preferred shares. In this case study proposed by Stake (1998), we sought to understand how the activities of a social project sports are developed within a public school in São Paulo and what are the effects for Physical Education classes the formal curriculum.

KEYWORDS: *Social Projects; School; Physical Education*

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR X PROJETO DEPORTIVO SOCIAL FRENTE A:
CUANDO LOS DUEÑOS DE LA CASA PERDER EL JUEGO

RESUMEN

Hoy en día, es cada vez más frecuente y poderoso el discurso salvacionista de las Organizaciones No Gubernamentales (ONG) en la esfera pública. Fenómeno que genera la reducción de la participación del Estado en las políticas sociales, dejando el camino libre para el Tercer Sector. En los últimos años, la escuela comenzó a recibir estas acciones a través de diversos proyectos que transforman a los estudiantes en público preferente de sus acciones. En este estudio de caso a los moldes de Stake (1998), hemos tratado de comprender cómo las actividades de un proyecto social deportivo se desarrollan dentro de una escuela pública de Sao Paulo y cuáles son los efectos para las clases de educación física del currículo formal.

PALABRAS CLAVES: *Proyectos Sociales; Escuela; Educación Física.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIRATO, F. R. *A socialização no contexto de projetos esportivos: um estudo de caso na Fundação Gol de Letra.* 147 f. (Dissertação de Mestrado). Centro de Estudos Sociais Aplicados. Universidade Fluminense, Niterói, 2005.

BRACHT, V; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 24, n. 3, p. 87 – 101, maio, 2003.

GIROUX, H. A. *Atos impuros: a prática política dos estudos culturais.* Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre. Artmed, 2003.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.22, n.2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

McLAREN, P. Introdução: Construindo Los Olvidados na era da razão descrente In: *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio.* Tradução: Márcia Moraes e Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

NEIRA, M. G. Programa de educação pelo esporte: qual formação está em jogo? *Movimento & Percepção*, v. 10, n. 14, p. 59-66, jan.-jun. 2009

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. *Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física* / Secretaria Municipal de Educação. São Paulo: SME / DOT, 2007.

SILVA, T. T. *Identidades Terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

STAKE, R. *Investigación com estudios de caso*. Madrid: Morata, 1998.